

Sessão de Abertura

Estoril Political Forum 2013

Estar aqui, ao lado de tão distintas personalidades mas sobretudo de tantos velhos amigos, a abrir os trabalhos deste 21º Estoril Political Forum é uma honra verdadeiramente inesperada. Só espero que não venha a revelar-se ser, também, um acto de um voluntarismo irresponsável.

Estou aqui, na sequência de um amável convite do meu amigo João Carlos Espada, na condição de Presidente do Conselho Estratégico do IEP. Tal com está claramente explicado na sua carta fundadora, «o Conselho Estratégico do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa é um órgão consultivo que tem como objectivo reflectir sobre o desenvolvimento estratégico do instituto, fazendo a ligação entre a academia, a sociedade civil e a realidade profissional, apoiando o IEP a cumprir a sua missão e a afirmar-se cada vez mais, como uma instituição de referência no ensino superior e na investigação, designadamente nas áreas de Ciência Política, Relações Internacionais, Estudo Europeus e Políticas Públicas». Mais concretamente, entendeu o IEP que «os desafios que se colocam à universidade, aos seus docentes, investigadores e alunos, exigem uma estreita ligação à vida profissional, procurando por um lado



POR
Dr. Pedro Norton

CEO Impresa. Presidente do Conselho Estratégico do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa

responder às necessidades de conhecimento das empresas e de instituições públicas e, por outro lado, disponibilizar e conseguir transmitir o seu saber, colocando-se ao serviço da comunidade.» E mais entendeu que o seu Conselho Estratégico deve ter por principal missão assegurar, precisamente, essa ligação.

A responsabilidade, já se vê, é de monta. Mas a verdade é que aceitar o convite era um imperativo de consciência que rapidamente se sobrepôs a todo o tipo de calculismos prudenciais. Por um conjunto de razões que gostava de partilhar convosco.

A primeira é de ordem afectiva.

Devo muito a esta casa. Formei-me em Gestão de empresas na Universidade Católica e foi como aluno fundador do 1º Mestrado do IEP que, na busca do velho ideal humanista, em muito alarguei os meus horizontes intelectuais. E se parece óbvio que não me transformei propriamente no ideal do homem renascentista, a verdade é que a culpa é seguramente mais imputável às evidentes limitações do aluno do que à reconhecida qualidade do Instituto. Estava pois mais do que chegada a hora de pagar esta dívida de gratidão.

A segunda, quase auto-evidente, é tributária de um instintivo apego ao velho conceito do «*marketplace of ideas*» em que tantas vezes encontro o alento e o sentido de missão de que preciso para enfrentar os desafios da minha vida profissional ao leme de um grupo de media, e que nesta casa sempre se cultivou e sempre se celebrou. Mais uma vez, é de um pagar de dívidas de que também se trata.

Mas há também uma razão de carácter mais conjuntural que não quero esconder. Portugal vive um dos momen-



Paul Flather, Clifford Orwin, Aleksander Smolar, Pedro Norton, Guilherme d'Oliveira Martins, Carlos Carreiras, João Salgueiro, Marc Plattner, Anthony O'Hear, Susan Shell

tos mais difíceis e dramáticos da sua história recente. E eu tenho para mim, e a ideia só a mim responsabiliza, que o país precisa de mais e não de menos política. Estou bem consciente que esta pode parecer uma afirmação bizarra num tempo em que, um pouco por todo o lado, grassam os populismos desenfreados e as grillhetas do politicamente correcto. Mas dêem-me mais três minutos da vossa atenção para elaborar minimamente tão inusitada ideia.

Falta política a um país na bancarrota que, num cenário de uma dramática escassez de recursos, tem o imperativo ético de escrutinar e debater com conhecimento e transparência as suas políticas públicas. Falta política a um país que se vê confrontado com a necessida-

de premente de fazer opções estratégicas dramáticas e que requerem uma reflexão aprofundada e com uma densidade mínima. A menos que se considere – e receio bem que exista quem considere – que a destruição virtuosa seja um fim em si mesmo e que a revolução geracional deve ser o álfa e o ómega de todas as políticas, a verdade é que o bom senso recomenda a discussão de um projecto político mais sofisticado. Que estrutura produtiva, que nível de concentração de poder, que relevo geo-estratégico terá o país numa economia pós-troika? Que modelo e que nível de coesão social? Que modelo de organização territorial? Que respostas aos desafios demográficos? Que papel na Europa? Que papel para a Europa? Será excessivo reclamar por

mais e melhor debate e reflexão política em cada uma destas áreas?

Mas falta ainda política no sentido mais nobre do termo. Falta, no espaço público, lugar para um debate puro de ideias, de valores, de mundividências e de desígnios que possa criar condições de uma real adesão a um projecto e a uma comunidade políticas. Foi Zweig, suicida esperançoso e um dos meus autores de cabeceira, que a propósito de Erasmo de Roterdão escreveu um dia:

«no domínio do espírito há lugar para todas as oposições: mesmo aquilo que nunca triunfa na realidade, conserva aí um dinamismo eficaz e são precisamente os sonhos nunca realizados que se revelam mais invencíveis. (...) Só os ideais nunca realizados, e que assim permanecem puros, continuam a fornecer a cada geração um elemento de progresso moral, só esses ideais são eternos».

Tudo boas razões, hão-de convir, para eu embarcar na aventura que agora se inicia.

Reiterando ao Prof. Espada os meus agradecimentos pelo honroso convite que me endereçou, desejo a todos três produtivos dias de trabalho. ■

“ Falta política a um país que se vê confrontado com a necessidade premente de fazer opções estratégicas dramáticas e que requerem uma reflexão aprofundada e com uma densidade mínima

